

## Conclusão geral

Nesses quinhentos anos de “descobrimento” da América herdamos uma história que gerou muitos crucificados. Falar da cruz e ressurreição de Jesus a partir desta realidade é uma tarefa árdua e desafiadora, pois o ponto de partida para uma hermenêutica é a realidade cruel, violenta e excludora que nos circunda.

O presente trabalho procura apresentar como o teólogo Jon Sobrino analisa o significado da morte e ressurreição de Jesus a partir dos “povos crucificados” presentes na realidade do nosso Continente e dos países do Terceiro Mundo. Salta aos olhos a capacidade de Sobrino em descrever o significado da cruz nessa realidade, como a cruz deve se fazer presente na vida do seguidor de Jesus e como já se faz presente na vida das inúmeras pessoas que vivem em situações de pobreza e miséria.

Sabemos que a Cristologia de Sobrino teve seu auge nas décadas passadas onde a perseguição e a pobreza eram acentuadamente fortes. Porém, apesar de não estarmos mais vivendo num período da história onde parte da Igreja que se colocou ao lado dos pobres foi perseguida, ainda temos presente no Terceiro Mundo o clamor de muitos irmãos e irmãs que passam por diversos sofrimentos gerados por um sistema cruel e manipulador. Tal sistema se parece com uma pessoa com vida própria e com dupla personalidade, pois, ao mesmo tempo em que favorece a alguns pobres, explora a maioria de diversas formas. Diante de tudo isso se faz necessária uma volta às fontes – e é o que Sobrino propõe – para se compreender que ser cristão é colocar-se no caminho do seguimento a Jesus e que este seguimento implica encarnar-se na realidade numa atitude misericordiosa para com os que sofrem, assumindo as consequências.

A reflexão sistemática aqui desenvolvida quer explicitar a proposta de Sobrino através da condução ao sentido original da cruz de Jesus e sua relação com o seguimento a Ele. Para atingir tal objetivo dividimos nosso trabalho em três capítulos que conseqüentemente giraram em torno dos sentidos histórico e teológico da cruz de Jesus para daí haurir elementos significativos para o seguimento.

O sentido original da cruz de Jesus, cuja busca deu-se no primeiro capítulo, leva-nos a uma práxis mais profunda. A cruz de Jesus ganhou muitos significados ao longo da história da Igreja. Para as primeiras comunidades cristãs a morte de Jesus foi um escândalo, pois evidenciou o abandono do Pai. Na tentativa de superar este escândalo era preciso haurir da cruz um sentido positivo, por isso buscaram interpretar o que ocorreu com Jesus. A partir destas interpretações nasceram formulações soteriológicas que atribuíram a Deus o sentido último da morte de Jesus. Além das primeiras comunidades, a tradição teológica também teve dificuldades em aceitar o escândalo que a cruz trouxe e com isso nasceram tantas outras formulações. Algumas se destacaram como, por exemplo, a teoria da satisfação vicária de Anselmo de Cantuária.

A modernidade não se contentou com tais interpretações, levantando muitos outros questionamentos em relação à presença de Deus diante de tanto sofrimento humano. Alguns teólogos tentaram respondê-los buscando na própria cruz de Jesus uma solução. Moltmann, em sua obra *O Deus crucificado*, afirma que na cruz o Pai se faz presente e sofre com o sofrimento do Filho. Deus não abandona o Filho, pois se esteve presente em todos os momentos da vida de Jesus, não será na cruz que o deixará sozinho.

Tendo como fundamento as afirmações de Moltmann, Jon Sobrino analisa o sentido da cruz de Jesus analogamente às cruces da realidade latino-americana. Jesus é morto como fruto de sua encarnação, isto é, como consequência histórica de sua vida. A cruz está relacionada aos demais momentos da trajetória de Jesus. Ele foi julgado e condenado à morte porque defendeu a vida a partir de sua experiência com o Pai, o Deus da vida.

Quando Sobrino analisa os processos que condenaram Jesus faz uma analogia a um duelo onde duas divindades com suas mediações e mediadores estão em luta. Nessa luta Jesus e seu Deus parecem perder. Trazendo a analogia para a atualidade podemos afirmar que as divindades ainda continuam em luta, pois muitas pessoas fazem tudo para ter o poder e o dinheiro, mesmo que isto custe a vida de uma imensa maioria. Infelizmente também encontramos hoje em nossas comunidades eclesiais uma forte tendência a acentuar o poder, a pompa, a grandeza, o luxo... Tais coisas ganham maior relevância do que a preocupação com o irmão que sofre e mais uma vez aquele que parece mais fraco perde a “luta”. Talvez a exaltação da imagem de Jesus como rei glorioso e vencedor tenha contribuído para isso.

Outra consequência negativa para a vida eclesial acontece quando a cruz é vista apenas como uma ponte para o “sucesso” pessoal, pois se prega que

aqueles que se esforçarem em carregá-la terão sua recompensa assim como Jesus. É o individualismo mais uma vez sendo acentuado, pois cada um pensará apenas em si e em seus problemas, deixando de lado a solidariedade e a misericórdia.

Em nosso segundo capítulo procuramos apresentar o sentido teológico da cruz. Como desde o início do cristianismo a cruz foi interpretada de várias formas o seu sentido teológico muitas vezes não foi conectado ao seu sentido histórico. Sobrino afirma que a morte de Jesus foi um assassinato cruel e violento que não estava no desígnio do Pai. Jesus não revela um Deus sanguinário, pelo contrário, revela um Pai amoroso e misericordioso. Por isso é necessária uma nova compreensão do conceito de Deus: um Deus crucificado e solidário, que sofre com o sofrimento do Filho e não o abandona. Se apresentarmos e testemunharmos um Deus que quer sacrifício humano corremos o risco de transmitir uma imagem errônea de Deus e gerar o ateísmo.

Se Deus é um Deus que sofre com o sofrimento humano ele só pode ser um Deus misericordioso. Sua onipotência está no amor, por isso a imagem de um Deus “onipotente” tal e qual costumamos ver, isto é, que tudo pode fazer, não condiz com a presença de tanto sofrimento humano em nosso meio. A pergunta pela presença de Deus ou por que permite que o mal aconteça principalmente aos desfavorecidos pode levar a uma descrença. Para evitar que isto aconteça é necessário utilizar uma linguagem adequada e que tenha sentido para apresentar Deus. É o que Sobrino propõe com a expressão “Deus menor”. Ele é um “Deus maior” por ser amor e é um “Deus menor” porque também nas menores coisas e no negativo, inclusive no sofrimento, seu amor é revelado. Isto leva-nos a afirmar que a morte de Jesus foi uma vida doada e não uma morte imposta ou querida pelo Pai e que com seu Filho, Deus também sofre. E se sofre e se faz presente no momento mais doloroso de sua vida também está próximo de quem padece e é capaz de sofrer com as nossas dores.

Que bom seria se fosse essa a imagem de Deus que predominasse quando dizemos que os seres humanos querem ser como Deus! Ser sinal do amor de Deus é fazer-nos próximos aos irmãos crucificados como consequência do seguimento a Jesus Cristo, pois ele nos revela um grande amor ao Pai e aos irmãos que o torna capaz de dar a própria vida.

Muitas pessoas, assim como Jesus, deram sua vida em defesa da vida dos crucificados da história. Sobrino as reconhecem como mártires apesar de não se enquadrarem no conceito oficial de martírio. Elas revelam com sua morte

que as perseguições, condenações e assassinatos dos menos favorecidos e sem defesa continuam a acontecer a cada dia.

Sobrino denomina os que sofrem as atuais formas de crucificação de “povos crucificados”. “Povos crucificados” dá maior ênfase no que se quer expressar, pois crucificação remete a Jesus e tira os povos do anonimato e faz o mundo refletir: se há crucificados (vítimas), há crucificadores (assassinos) e situações de crucificação. Esta reflexão vale para todos, crentes ou não, pois encarar o fato de que há atuais formas de crucificação é um “assumir a realidade” e isto pode ser vivido por todos. Para os seguidores de Jesus significa “reconhecer nossos pecados”<sup>450</sup> e para os que não são, é um convite à solidariedade e à misericórdia.

O seguimento a Jesus é o tema principal do terceiro capítulo. Seguir a Jesus é consequência de uma adesão pessoal ao seu chamado. No início Jesus chamou seguidores e ao longo da história da Igreja muitos se sentiram chamados a segui-lo. O seguimento é a forma de expressar a identidade cristã. Seguir a Jesus significa viver como ele viveu e como ele ensinou a viver. Nesta vivência a cruz se faz presente, pois é compartilhar do destino do Mestre. Se a cruz for compreendida de forma diferente do seu sentido original poderá afetar o seguimento. Ser cristão é refazer com a própria vida a trajetória de Jesus: encarnar-se na realidade e viver pró-existencialmente para os outros dando a própria vida (isto não significa literalmente morrer, mas ter a capacidade de dar tudo de si pelo outro).

Para concluir, ressaltamos a relevância de toda a reflexão teológica – e mais especificamente a teologia da cruz – de Sobrino para a atualidade, intra e extraeclesial. A cruz de Jesus revela uma situação de injustiça para com um justo. Porém, revela também o amor, a solidariedade, a proximidade e a misericórdia do Pai para com seu Filho. Estas são características que deveriam ser vivenciadas por todos e principalmente pelos cristãos, pois ainda hoje muitas pessoas são vítimas de injustiças sociais e sobrevivem quase que milagrosamente.

O grito silencioso dos pobres e oprimidos continua ecoando a cada dia, mas para escutá-lo é preciso ter ouvidos atentos e disponíveis. Para encarar a realidade também é preciso ter olhos com as mesmas características. A situação de pobreza e miséria presente hoje em nossa realidade está camuflada com uma maquiagem muito potente que a torna quase que invisível. Sem dúvida a

---

<sup>450</sup> Cf. SOBRINO, J. Epílogo, p. 351. In: VIGIL, J. M., *Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*, pp.345-357.

globalização trouxe inúmeros benefícios, mas também aumentou a exploração de uma grande maioria. Muitos estão enriquecendo com a exploração de mão-de-obra barata e do trabalho infantil, e sem contar com as inúmeras dívidas que milhares de pobres estão contraindo para si em nome do “ter para ser”, pois hoje há uma maior facilidade em adquirir aparelhos eletrônicos, eletrodomésticos etc. através de prestações com preços baixos. Muitos pobres têm um celular, uma câmera digital e talvez até um computador conectado com o mundo através da internet, mas não têm o necessário para viver. Como estamos acostumados a medir a pobreza por aquilo que possuímos dizemos que estes que possuem algo não são pobres ou estão em melhores condições do que outros. Esta é uma das maquiagens que invisibiliza a pobreza.

Ajudar a desmascarar as situações de crucificação através de uma maior conscientização é missão de todos aqueles que enxergam a realidade e ouvem o clamor dos “povos crucificados”. Dar o que é necessário e emergencial para a sobrevivência da pessoa é uma das diversas formas de ajudar e de agir com misericórdia, outra, é educar para que a pessoa tire de dentro de si a capacidade de pensar, criticar e não se deixar “levar pela onda” do momento. Quando há uma consciência do que está por detrás das diversas situações de crucificação torna-se mais difícil deixar-se manipular.

Enfim, agir com misericórdia é encarnar-se na realidade e viver humanamente, mas estas são tarefas árduas e desafiadoras, pois nos conduzem ao sentido mais profundo da existência: esvaziar-se para deixar-se ser preenchido pelo amor de Deus. Ter misericórdia para com os “povos crucificados” não é apenas missão da Igreja, mas de todos. Cabe a cada um olhar primeiramente para dentro de si mesmo e depois ao seu redor para *encarar a realidade, assumi-la, converter-se e vivenciar a cruz em seu sentido original* para “descer da cruz os pobres”. Somos convidados a humanizar-nos e a humanizar!